

DO EXCESSO DE IMAGENS AO ESVAZIAMENTO DA MENTE

Sophia Mílian Bagues dos Santos¹

Resumo: Esse artigo tenta aproximar a teoria semiótica de Peirce da filosofia budista tibetana, partindo da compreensão da contemporaneidade como um fabuloso sistema de signos que nos aprisiona ao Samsara, conceito oriental que pode ser entendido, em última instância, como a civilização da imagem. O império dos signos e no que eles influenciam para um modo de estar no mundo mediado pela sua co-existência cria a sociedade do espetáculo. A invenção de um mundo, a partir da identificação da mente com as imagens e representações de uma contemporaneidade cada vez mais capturada por tudo que nos rodeia, afinal, o signo está em tudo é o que nos provoca a análise. Pela percepção das coisas também se gera alterações de efeito. Através da estética, a lógica provoca emoções e vincula cada vez mais o sujeito ao enredamento da existência mediada, onde o acesso à consciência iluminada seria resultado do treinamento da mente para se ater à primeiridade, mantida no tempo presente, o que poderia ser lido, no pensamento budista como a vacuidade. O que é anterior à percepção, a essência da mente; a ausência de existência inerente do eu e dos fenômenos. Segundo ensinamentos do Buda, qualquer experiência é uma aparência que surge da infinita possibilidade da vacuidade. Assim como surgem – por efeito dos três níveis de compreensão, em Peirce: o das puras qualidades, o do reconhecimento das coisas e o da elaboração em ideia – é possível que se esvaíam, através do senso de abertura vivenciado quando se repousa a mente no aqui e agora.

Palavras-chave: Imagens, Indústria Cultural, Mente, Budismo, Signo

Do excesso de imagens ao esvaziamento da mente, aquela que dá significado e armazena o visto, cujo signo é o elemento crucial na produção de ideias é o percurso que esboço nesses escritos. Tento aqui compor uma tessitura de considerações a respeito da necessidade de *resetar* a mente e atravessar os significados. Estacionar os pensamentos e se dissuadir de uma herança cultural abrasadora.

Ser prisioneiro das próprias percepções, na contemporaneidade, se apresenta como uma submissão aos inúmeros estímulos que configuram a chamada Sociedade do Espetáculo, onde reina as modernas condições de produção e em que tudo o que era diretamente vivido passa a ser tangido por uma relação social baseada em imagens, signos que são o princípio e o fim de sua disseminação infinita. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.” (DEBORD, 2006, p. 3).

O espetáculo tem por habilidade fazer ver por diferentes meios o mundo que não é diretamente apreensível. O excesso de imagens embaralham as referências se

¹ Professora UNEB, Campus XIV. Professorasophiauneb@gmail.com

tornando um beco sem saída. Para onde se queira escapar, múltiplas linguagens se interpõem “como sistemas sociais e históricos de representação do mundo”. (SANTAELLA, 2007)

Para compreender essa necessidade de restituir o olhar original sobre a vida, desacorrentada dos conceitos, trago contribuições da sabedoria budista², que dialogam com a Teoria dos Signos de Peirce, indo além da sua compreensão sobre os estados de fecundação da falsa consciência, que no terceiro nível produz os conceitos, pensamentos, representações, linguagens. Na filosofia budista tais acontecimentos seriam decorrentes do que é chamado de três esferas, campo de atuação da experiência do sujeito com o objeto, resumido pelo lama Chagdud Tulku Rinpoche, que viveu no Brasil, assim:

As cinco primeiras das seis perfeições funcionam em um contexto de relação sujeito-objeto. No caso da generosidade, por exemplo, falamos do sujeito, a pessoa que dá; do objeto, a pessoa a quem algo é dado; e do ato de dar. O sujeito, o objeto e a ação que se passa entre eles são chamados de “as três esferas”. A crença na solidez das três esferas constitui o campo da verdade relativa. A realidade possui dois aspectos: realidade última ou verdade absoluta — as coisas tal como são em si mesmas — e realidade relativa ou verdade relativa — as coisas tal como parecem ser no nível convencional. O termo tibetano para verdade relativa é composto de *kun*, que significa “tudo” ou “muitos, e *dzob*, aquilo que não é verdadeiro”. Portanto, *kundzob* denota a manifestação de inumeráveis fenômenos que parecem ser algo que, de fato, não são. Como crianças correndo atrás de um arco-íris, tratamos as manifestações oníricas das aparências como se fossem substanciais e palpáveis. Entretanto nada nessas aparências é permanente. (RINPOCHE, 1996, 159)

“Pura, imutável, não composta e onipresente – essa é a natureza da nossa própria mente” (RINPOCHE, 1996, 182). Embora as aparências surjam incessantemente, nada, na verdade, está presente — emprestamos solidez e realidade à verdade aparente do ‘eu’, do ‘outro’ e das ‘ações’ que ocorrem entre ‘eu’ e ‘outro’. Esse obscurecimento intelectual é a origem do apego e da aversão” (RINPOCHE, 1996, 181) e transcende a própria linguagem, sugerindo a co-existência de uma verdade absoluta - pura vacuidade, sem conceitos – e as múltiplas realidades. Na vacuidade, não há produção de imagens, nem capturas, nem pontos de vistas e dicotomias. A essência da mente é vacuidade, onde se tem o acesso direto ao

² “Hoje, o vigoroso diálogo entre praticantes dessa antiga ciência interior e cientistas modernos floresceu em uma colaboração ativa. Essa parceria de trabalho foi catalisada pelo Dalai Lama e pelo *Mind and Life Institute* que por vários anos reuniram budistas e acadêmicos em discussões com cientistas modernos. O que começou como conversas exploratórias evoluiu para um esforço conjunto para pesquisas posteriores. Como resultado, especialistas da ciência mental budista têm trabalhado com neurocientistas para elaborar e conduzir pesquisas que documentarão o impacto neural desses vários treinamentos mentais”. (RINPOCHE, 14, 2007)

presente, sem ansiedade e medo, sem a mediação das imagens que nos elaboram desde sempre.

“Tomamos os eventos do cotidiano como sendo verdadeiros”. (RINPOCHE, 1996, 40). Essa afirmação do monge Rinpoche, que considera a impermanência, de acordo com a tradição tibetana, a característica fundamental do mundo sansárico, pode ser comparado ao modo como Peirce reconhece o segundo aspecto da percepção dos signos, o que está entre a vacuidade e o sentido, o estado de transição, na qual o imbricamento entre a mente e o que se dispõe diante dela acontece, no contágio que gera percepções externas, a origem do pertencimento ao mundo sensível, o campo de ação da verdade relativa.

Há um mundo real, reativo, um mundo sensual, independente do pensamento e, no entanto, pensável, que se caracteriza pela secundidade. Esta é a categoria que a aspereza e o revirar da vida tornam mais familiarmente proeminente. É a arena da existência cotidiana. Estamos continuamente esbarrando em fatos que nos são externos, tropeçando em obstáculos, coisas reais, factivas que não cedem ao mero sabor de nossas fantasias. (SANTAELA, 2007, pg. 30)

É nesse campo de sensações, que figura o ramo da filosofia estética, nascida enquanto fundação de uma ciência das coisas sensíveis *epistémé aisthetiké*, que reunia em si os domínios da arte, da beleza e da sensibilidade. Através dos sentidos, ocorre a apreensão do mundo. Mas de que mundo estamos falando? Essa apreensão é também o que nos prende a esse nível de percepção, onde o passado e o futuro existem como registro feito ou por fazer na lâmina fotográfica das sensações que fornecem os elementos para entender o estar no mundo como código.

Esse nível de estar no mundo, “prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser”(DEBORD, 1997). É também o mundo que aprisiona o sujeito a uma maneira de ver fundada em dicotomias, silogismos, conceitos, é o próprio universo da academia. “Quer essas aparências tragam alegria ou tristeza [...] não são confiáveis, permanentes e nem inerentemente verdadeiras. No entanto, não podemos negar nossa experiência de sua manifestação incessante”(RINPOCHE, 47, 2003).

A missão é ruir o antigo sistema de crenças de uma tradição que considera o mundo, o resultado das relações interpessoais, da cultura, das posses e da subjetividade: a visão ocidental de existir. No Budismo esses elementos compõem o samsara, do qual é possível se libertar.

“O samsara não é um lugar – por exemplo, o nosso mundo. É uma maneira de ser prisioneiro das próprias percepções. Há quem diga que, se traçarmos no chão um círculo ao redor de um peru, o animal pensará que está preso e se deixará morrer de fome, sem jamais tentar atravessar o círculo”. (PALDRON, 2003).

Uma espantosa tarefa de esquecer tudo o que fora, vera, sentira para se retirar do mundo visível, lugar que tomou conta da vivência em sociedade. Aproveitar, na tarefa de entender o processo de construção de si, do outro, do mundo mediado pelos signos – presentes em toda e qualquer linguagem – para compreender a necessidade de apagar da memória o que foi introjetado pelas vastas experiências, leituras, relações; mais recentemente, pelo *mass media*, desde a era da reprodutibilidade técnica (BENJAMIN, 1936).

Desde Platão, a imagem sempre intrigou e se somou à face, tornando tudo imagem em suas várias formas de aparição, das sombras nas cavernas aos rituais fúnebres, às capelas cistinas, às capas de revista, à tela do cinema, à tampa da garrafa. Sua definição, de diversos modos se encontra, assim como diferentes são as abordagens teóricas que tentam dar conta de seu universo, usos, criação, memória, história, arte, existir. Um modo de vida se alterou, o regime do visível trouxe à tona um mundo mediado. A imagem funciona como uma mediação efetiva. Como é possível? “O que se modifica em nossos olhos para que a imagem de uma fonte não sacie nossa sede, nem um fogo nos aqueça?” (DEBREY, 1993. Tradução nossa).

O olho que vê inventa a si mesmo como extensão de tudo que notou e sentiu e ouviu e no fim é uma imagem, uma espécie de signo, geradora de crenças. O império de uma vivência no mundo que se constrói pelo elo de imagens, desde a propaganda até as representações e construções significantes de qualquer ordem, que orientam e compõem o escopo do modo de compreensão do entorno.

Desde então, a imagem não é só uma simples imagem, mas contém a presença do duplo do ser representado e permite, por seu intermédio, agir sobre esse ser; é esta ação que é propriamente mágica: rito de evocação pela imagem, rito de invocação à imagem, rito de posse sobre a imagem (enfeitiçamento). (E. Morin, 1988, pg 98-99).

Quer se reivindique um estar no mundo livre de amarras ou se viva seguindo a marcha que repete os movimentos embutidos nas grandes expressões midiáticas e produção de

informação³, temos, segundo estudos do criador da Semiótica, o grande cientista multifacetado Peirce⁴, três etapas na elaboração do signo:

Primeiridade é a categoria que dá à experiência sua qualidade distintiva, seu frescor, originalidade irrepetível e liberdade. Não a liberdade em relação a uma determinação física, pois que isso seria uma proposição metafísica, mas liberdade em relação a qualquer elemento segundo. O azul de um certo céu, sem o céu, a mera e simples qualidade do azul, que poderia também estar nos seus olhos, só o azul, é aquilo que é tal qual é, independente de qualquer outra coisa. Mas, ao mesmo tempo, primeiridade é um componente do segundo. Secundidade é aquilo que dá à experiência seu caráter factual, de luta e confronto. Ação e reação ainda em nível de binariedade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade, razão ou lei. Finalmente, terceiridade, que aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo. Por exemplo: o azul, simples e positivo azul, é um primeiro. O céu, como lugar e tempo, aqui e agora, onde se encarna o azul, é um segundo. A síntese intelectual, elaboração cognitiva — o azul no céu, ou o azul do céu —, é um terceiro. (SANTAELLA, 43, 2007).

O excesso de imagens na articulação do que se é com o que se aprendeu a ser, mediante o império de sugestões que nos assola, sociedade para além do espetáculo, nos impede de experienciar o estado de Nirvana, no qual é preciso estar desapegado dos bens e emoções.

As aparências fenomênicas são ilusórias. Perdidos no labirinto de nossa experiência devido ao hábito e treinamento, a maioria de nós acredita que eles são verdadeiros, da mesma forma que acreditamos que os acontecimentos em um sonho são verdadeiros. Em nosso envolvimento total com a realidade comum, investimos as coisas de uma verdade e permanência que elas não possuem. Quando o fazemos, as circunstâncias tomam-se mais complexas, e o sofrimento, mais profundo. Estamos presos no samsara, como moscas em um mata-moscas, incapazes de descobrir nossa verdadeira natureza, a fonte da realização. (RINPOCHE, 1996, 59)

³ “Se a base daquilo que entendemos por cultura reside na ação de *in+ formar*, então não é paradoxal que o excesso de informação nos conduza à desagregação do sentido?” (FLUSSER, 14, 2013).

⁴ “Desde criança, o pequeno Charles já conduzia sua existência num ambiente de acentuada respiração intelectual. É por isso que químico ele já era, desde os seis anos de idade. Aos 11 anos escreveu uma História da Química (...). Peirce era também matemático, físico, astrônomo, além de ter realizado contribuições importantes no campo da Geodésia, Metrologia e Espectroscopia. Era ainda um estudioso dos mais sérios tanto da Biologia quanto da Geologia, assim como fez, quando jovem, estudos intensivos de classificação zoológica sob a direção de Agassiz. (SANTAELLA, 83, 2007).

A imagem gera emoção que nos prende ainda mais ao Samsara. A emoção como reflexo das sensações de todas as ordens que nos chegam pelos sentidos, capturadas de forma esplêndida pelos produtos culturais, transbordantes de imagens e sons, signos repletos de discursos e recheios que nos absorvem ou são absorvidos pela mente, enclausurando-nos ainda mais e mais no mundo da verdade relativa.

Do dia em que nascemos até o dia em que morremos, nossa experiência de vida é uma verdade relativa em constante mudança, que consideramos bastante real. Ela não é, entretanto, nem real nem permanente, de modo absoluto. Isso é muito importante que seja entendido. Quando despertamos do nosso sonho da vida, não há posses, nem relacionamentos, nem dramas emocionais. Todas as nossas experiências que pareciam verdadeiras, não eram realmente verdadeiras, no sentido absoluto [...] Tudo em nossa realidade é apenas uma série de imagens de sonho, às quais imprimimos verdade e significado pelo fato de estarmos tão envolvidos com elas. Nossa experiência é produto do nosso engano fundamental (RINPOCHE, 17, 1994).

O que se chama de obscurecimento da mente, esse engano fundamental, no budismo, poderíamos reconhecer como identificação plena. A grande mídia, em suas coberturas sensacionalistas reforçam de modo cinematográfico as nossas razões para acreditar ainda mais em uma forma de ver o mundo fundada em discursos inflamados, afirmações categóricas, mediações e atestações de que o samsara nada mais é do que o nosso próprio mundo.

Da mesma forma que uma pessoa com icterícia vê uma montanha nevada como sendo amarela, devido aos nossos obscurecimentos, não vemos as coisas de forma pura. Essa percepção impura tornou-se um hábito profundamente entranhado (RIPOCHE, 1996, 182)

Segundo Peirce, nada há na consciência senão estados mutáveis, fora de qualquer captura, além das dualidades, conceitos e dicotomias. A consciência se encontra em estado de impermanência constante, devido às interferências internas, do nosso mundo interior; e externas, as forças objetivas que atuam sobre nós.

Essas forças vão desde o nível das percepções que, pelo simples fato de estarmos vivos, nos inundam a todo instante, até o nível das relações interpessoais, intersubjetivas, ou seja, as relações de amizade, vizinhança, amor, ódio etc., encontrando ainda as forças sociais que atuam sobre nós: as condições reais de nossa existência social, isto é, as relações formais de classes sociais que variam de acordo com as determinações históricas das sociedades em que se vive. (SANTAELA, Pág. 27, 2007)

Para o pai da Semiótica, se fosse possível parar a consciência no instante presente, ela teria a pura qualidade de ser e de sentir. (Ibidem, 2007). Esse seria o estágio da primeiridade, que, em uma associação entre o pensamento oriental e ocidental, poderia ser equivalente à vacuidade, tradução aproximada do termo sânscrito shunyata, de shunya, que quer dizer “zero”, e do tibetano tongpa-nyi, onde tongpa significa “vazio”, não como vácuo ou espaço vazio, mas tornando a experiência além da nossa capacidade de perceber com os sentidos ou conceitos. (RINPOCHE, 2013)

É preciso que haja um espaço, na vida cotidiana, para que se possa chegar a si. Primeiro, devemos reconhecer o quanto nossas crenças e pontos de vista a respeito de tudo, nossos julgamentos e percepções nos mantêm cada vez mais atados ao lugar de constantes dúvidas existenciais e alienações. “O que consideramos ser nossa identidade – minha mente, meu corpo, meu ser, -, é, na verdade, uma ilusão gerada pelo contínuo fluxo de pensamentos, emoções, sensações e percepções” (RINPOCHE, 43, 2007).

Pelo fato de não reconhecermos essa natureza — não nos darmos conta de que, embora as aparências surjam incessantemente, nada, na verdade, está presente — emprestamos solidez e realidade à verdade aparente do “eu”, do “outro” e das “ações” que ocorrem entre “eu” e “outro”. Esse obscurecimento intelectual é a origem do apego e da aversão, seguidos de ações e reações que criam carma, que solidificam-se em hábitos e perpetuam os ciclos de sofrimento. Esse processo todo é que precisa ser purificado. (RIPOCHE, 181, 1996)

Não é à toa que cada vez mais se proliferam chamadas para retiros espirituais, onde se reúnem os mais diversos tipos de sujeitos, nas mais variadas faixas etárias, unidos pela necessidade premente de superar os *stress* do cotidiano, fruto do apego aos acontecimentos. Impelidos pelo desejo de desamarar os fios que prendem a mente ao mundo reativo, os buscadores de si se dividem na procura por técnicas que vão do yôga, ao tai chi chuan e não perdem a transmissão ao vivo de algum monge famoso em visita ao ocidente.

Cada vez mais são lançadas publicações de revistas com foco em temas como autoconhecimento e vida simples – com adesão a um modo de subsistir onde se tenha menos gastos supérfluos, mais alimentos crus e tempo dilatado, em que o ritmo frenético das imagens cessam e o som incômodo de buzinas e todo tipo de barulhos e ruídos são substituídos pelo canto dos passarinhos e o assovio do vento.

As ideias e crenças, por sua vez, têm promessa de serem deletadas da mente de modo radical, com práticas de “acesso à consciência”. O excesso de estímulos na sociedade do espetáculo nos afasta do estado da mente vazia, expandida, sem tantos signos para decomporem, sem traumas, sem anseios e expectativas. Desabar um mundo construído por imagens para acessar o ser. Reconhecer as correntes no modo de ver o mundo, intermediado pelas referências culturais é a tarefa para se chegar à vacuidade, onde nem as palavras existem. “A forma é vacuidade: a vacuidade é forma. A forma não é outra coisa que não a vacuidade. A vacuidade não é outra que não a forma. Da mesma maneira sensações, percepções, conceitos, formações mentais e consciências são vazios”.⁵

Medita assim: Todos estes fenômenos aparentes são ilusórios em sua natureza, por mais que pareçam reais. Todas as substâncias são falsas e carentes de verdade (...) são como sonhos, como ilusões, como ecos (...) como espelhamentos, como imagens, como ilusões óticas, como a lua na água; não são reais nem por um momento (...) Todas as substâncias são minha própria mente e minha mente é vacuidade, sem princípio, nem fim, sem obstrução. (FREMANTLE, 149, 2000, tradução nossa).⁶

Também na fenomenologia, como relembra Mikel Dufrenne, “Husserl nos propõe suspender (...), nossa crença ingênua na realidade do mundo” (DUFRENNE, 188, 2015) e propõe um “retorno à origem ou ao imediato, à relação mais primitiva do homem e do mundo (...) a coisa tal que se propõe ao homem antes que um pensamento objetivante a mantenha à distância e procure reduzir e explicá-la”. (Ibidem, 189, 2015). Esse lugar de primeiridade, o estado anterior à conceituação, imune à crenças e traumas, surge de estados de uma mente treinada por meditação, com suas técnicas capazes de propiciar a aquietação dos pensamentos, ferramentas como *mindfulness*⁷, que leva o praticante a vivenciar o momento presente, sem se ater ao

⁵ Trecho extraído do Sutra do Coração, texto tibetano copiado de afresco em Guedje Tchemaling, um dos templos do glorioso Samye Vihara. Sob o patrocínio real do Rei Trisong Deutsen, no século VIII, o tradutor tibetano (lotsaua) Bhiksu Rintchen De traduziu no juntamente com o mestre indiano (pandita) Vimalamitra. Foi editado pelos grandes tradutores tibetanos (lotsauas) Guelo, Namka e outros. Letra e mp3 <http://www.dharmenet.com.br/prajna/tibetano.htm>

⁶ Medita así: todos estos fenómenos aparentes son ilusorios en su naturaleza. Por mucho que aparezcan no son reales. Todas las sustancias son falsas y carentes de verdad [...] son como sueños, como ilusiones, como ecos [...] como espejismos, como imágenes, como ilusiones ópticas, como la luna en el agua; no son reales ni por un momento [...] Todas las sustancias son mi propia mente y mi mente es vacuidad, sin principio ni fin, sin obstrucción

⁷ “Kabat-Zinn (1990) define *mindfulness* como uma forma específica de atenção plena – concentração no momento atual, intencional, e sem julgamento. Concentrar-se no momento atual significa estar em contato com o presente e não estar envolvido com lembranças ou com pensamentos sobre o futuro. Considerando que as pessoas funcionam muito num modo que o autor chama de piloto automático, a intenção da prática de *mindfulness* seria exatamente trazer a atenção plena para a ação”. Disponível em

passado ou ao futuro, até propostas que prometem deletar arquivos mentais de 5000 anos, como o procedimento do Barra Access são cada vez mais procuradas para “permitir a mente repousar em sua verdadeira natureza” (RIPOCHE, 1996, 179).

Referências bibliográficas

- DEBORD, G. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro. Ed. Contraponto, 1997.
- DEFRENNE, Mikel. Estética e Filosofia. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2015.
- FREMANTLE, F. & CHÖGYAM TRUNGPA. The Tibetan Book of the Dead. Boston: Shambhala, 1975.
- FLUSSER, V. O mundo codificado: Por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac & Naif, 2013.
- MCLEOD, M. The Best Buddhist Writing. Massachusetts Ed. Shambala Sun, 2013.
- RINPOCHE, C. T. Portões da prática Budista. Três Coroas. Ed. Makara, 2013.
- RINPOCHE, M. A Alegria de Viver. Rio de Janeiro. Ed. Elsevier, 2007.
- PALDRON, T. A arte da vida. São Paulo. Ed. Ground, 2003.
- SANTAELLA, L. O que semiótica? São Paulo. Ed. Brasiliense, 2007.
- Vandenbergh; Sousa. *Mindfulness* nas terapias cognitivas e comportamentais. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872006000100004>. Acesso em: 10 janeiro de 2018.